

A SEMANA – 179

John Gledson

De 1891 em diante, ao longo da década de 1890, o Brasil sofreu uma crise financeira contínua; o mil-réis, instável, valia ao redor de 10 *pence sterling*, mais ou menos o terço do seu valor durante o império, com consequências desastrosas para a população, que dependia de gêneros alimentícios importados (trigo, charque, azeite...). Vários fatores contribuíam para a enorme dívida nacional, inclusive duas guerras civis (a Revolução Federalista e a Revolta da Armada). Para Machado, porém, havia um pecado original, o Encilhamento, o tema que aparece com mais insistência nestas crônicas, seja em comentários passageiros ou em crônicas inteiras, como o famoso “Sermão do diabo” de 4 de setembro de 1892 (20). O orçamento “calamitoso” que comenta, portanto, não era exatamente novidade, e pode ser por isso que só foi reproduzido inteiro no *Jornal do Commercio* – apenas o jornal de língua inglesa, *The Rio News*, informa os detalhes mais importantes.

Para Machado, esta dívida é o pano de fundo da década. A melhor solução, claro, é fingir que não existe. Os dois exemplos a que se refere, um discurso do irmão do presidente, atacando a excessiva cessão de pensões a pessoas “merecedoras”, e o lançamento contínuo de companhias mais que duvidosas, mostram que os velhos (e os novos) costumes custam a morrer. Um dos seus motivos preferidos destes anos, que poderíamos intitular, como o conto de *Relíquias de casa velha* (1906), “Suje-se gordo!”, aparece aqui também – melhor acumular muitas dívidas, porque, nas palavras empregadas para uma crise mais recente, você se faz “too big to fail”. Ou, nas palavras do maltrapilho de *Esau e Jacó*, “que vivia de dívidas”, “Paga o que deves, vê o que te não fica” (cap. 23).

A última parte da crônica, depois de uma transição talvez meio forçada, e que depende da ideia de algarismos, focaliza a moda de alguns atores representarem vários papéis numa só peça, com rapidíssimas mudanças de roupa. O exemplo mais brilhante, o italiano Leopoldo Fregoli, que até deu nome a uma síndrome psicológica, tinha se

apresentado no Rio recentemente. Com uma delicadeza tipicamente oblíqua, Machado se distancia de tal virtuosismo.



A SEMANA

3 de novembro de 1895

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Não sei por onde comece, nem por onde acabe. Ante mim tudo é confuso, os fatos giram, cavalgam outros fatos, sobem ao ar e descem à terra, como estão fazendo as pedras e lavas do vulcão Llaima.¹ Alguns deles começam, mas não acabam mais, como o parecer da comissão do orçamento, apresentado ao senado esta semana.² Só os algarismos desse documento...

¹ Llaima é um dos vulcões mais ativos do Chile, a menos de 700 km ao sul de Santiago. Neste momento, tem início uma série de erupções que durariam até 1896. A notícia vem num telegrama de Valparaíso no *Jornal do Commercio* do dia 2 de novembro (p. 1, col. 3): “Está em erupção o vulcão Llaima, que lança por duas crateras a um tempo, lavas e grande quantidade de enormes pedras. Por ora, não há perigo nenhum para as localidades circunvizinhas.”

² Este “Parecer da Comissão de Finanças do Senado” foi publicado no *Jornal do Commercio* no dia 31 de outubro: é um resumo da situação financeira do Brasil. O autor principal foi o senador Leite e Oiticica, e, tecnicamente, o texto era apenas um “parecer”, uma proposta que esperava a aprovação do senado. É longo (ocupa página e meia do jornal), e cheio de “algarismos”; sem dúvida, como diz o cronista, é fastidioso de ler, e a situação, chamada de “calamitosa”, do país não era exatamente novidade. Talvez seja por isso, e pela sua natureza quase oficial, que não se menciona nem se cita noutros jornais (que eu saiba), com a exceção do *Rio News*, jornal de língua inglesa, semanal, que deu um extenso resumo em 5 de novembro. Cito alguns trechos do *Jornal* para dar uma ideia do documento. Falando do orçamento do país (p. 1, col. 1), diz: “(...) o fato de ser a quase totalidade desta verba absorvida pela dívida do Estado, este fato acusa o progresso em que a dívida pública aumenta, capaz de assustar qualquer cidadão deste país, por melhor crente que seja ele na grande riqueza e no futuro do Brasil.”; “(...) a Nação tem de empregar quase todo o seu orçamento de fazenda improdutivamente [isto é, em pagar os juros da dívida]”. A soma enorme citada no fim desse trecho (p. 1, col. 3) é feita de seis partes: dívida externa, dívida interna fundada, ouro, papel-moeda, dívida flutuante, e “dívida de fiança que a União está pagando em prestações e juros na forma dos créditos especiais do orçamento”. Cito alguns trechos da Conclusão (p. 2, col. 4): “Chegando ao fim deste parecer, longo, minucioso e quiçá fastidioso, a comissão de finanças julga ter-se desempenhado do dever que a sua responsabilidade lhe impunha. / (...) O Governo continua a executar a deliberação tomada de aceitar o legado de sérias dificuldades recebido a 15 de novembro de 1894 e põe à prova o seu patriotismo no sentido de restabelecer as finanças do país, como alcançou o conagraçamento da família brasileira [*i.e.*, a paz no Rio Grande do Sul]. / Coincide a apresentação do presente parecer com a era da paz iniciada há poucos dias e levada a efeito pela boa vontade, prudência, critério e patriotismo do atual chefe supremo da República dos Estados Unidos do Brasil. A confissão das nossas faltas, dos erros cometidos no ensaio da nova forma de governo, a franqueza com que os poderes públicos vêm, perante o povo a cujos destinos presidem, penitenciar-se dos erros cometidos por todos, nesta fase inicial da República, são a prova pública e o compromisso de honra assumido à face da Nação Brasileira (...). / Será necessário talvez pedir novos sacrifícios à Nação para acudir à despesa que a comissão avolumou com a cifra exata que o orçamento deve exigir; mas devem

Tenho visto muito algarismo na minha vida, variando de significação, segundo o tamanho e a matéria. Vivi por aqueles tempos diluvianos,³ em que a gente almoçava milhares de contos de réis, jantava dezenas de milhares, e ainda lhe ficava estômago para uns duzentos ou trezentos contos. Os que morreram logo depois, terão gozado muito pouco este mundo. Para falar francamente, arrependo-me hoje de não ter inventado qualquer coisa, um paladar mecânico, horas baratas, fósforos eternos, calçamento uniforme para as ruas, cavalos e cidadãos, uma de tantas ideias que acharam dinheiro vadio, e quando um homem não o tinha em si, ia buscá-lo à algibeira dos outros, que é a mesma coisa. A minha esperança é que tais dias não morreram inteiramente, mas a minha tristeza é que, quando eles convalescerem e vierem alumiar outra vez este mundo, provavelmente estarei fora dele. Se alguma coisa merecem os meus pecados, peço a Deus a vida precisa para nesses dias futuros incorporar uma companhia, receber vinte por cento das entradas, levantar um empréstimo para fazer a obra, não fazer a obra, fazer as malas e fazer a viagem do céu com escala pela Europa.

Pois, senhores, nem por ter visto tantos e tamanhos algarismos pude ler friamente os do parecer da comissão. Já o Sr. senador Moraes e Barros⁴ havia chamado a nossa atenção para a simples conta total da dívida, que, se não anda na memória de todos os brasileiros, não é por falta de algarismos; será antes por falta de memória. Mas a memória, apesar dos pesares, não vale a imaginação, e há um meio seguro de não doerem as dívidas, é imaginar que são poucas, e essas poucas fecundíssimas, não as pagando a gente, porque não quer, e ainda por se não prejudicar. Que é pagar uma dívida? É suprimir, sem necessidade urgente, a prova do crédito que um homem merece. Aumentá-la é fazer crescer a prova.

todos compreender quanto tais sacrifícios serão compensados com o equilíbrio do orçamento e resgate do papel-moeda de curso forçado, a causa predominante da depreciação inqualificável da moeda. (...) / Por efeito dessa depreciação, que chega ao extremo quase de 300%, todos os gêneros necessários à vida se acham extraordinariamente elevados de preço; em consequência do apreço da nossa moeda fiduciária esperada, se as duas medidas acima forem perseverantemente executadas, a baixa do preço dos gêneros dar-se-á, e o alívio daí resultante compensará as exigências do fisco para obter tão valiosos resultados.”

³Este parágrafo inteiro refere-se, é claro, ao Encilhamento, um dos temas a que Machado volta sempre nestas crônicas. Já na crônica de 11 de fevereiro de 1894 (90) fala “no tempo do dilúvio (1890-1891)”, “em que havia aqui um homem que acordou um dia com vinte mil contos; foi o que me disseram. Uma semana depois afirmaram que tinha trinta mil, e dois dias mais tarde, quarenta, cinquenta, sessenta mil contos de réis.” As invenções ridículas, as companhias miríficas e desonestas, são outros aspectos desta loucura coletiva. Ver também a introdução à edição das crônicas de 1892-1893, p. 19-22.

⁴Manuel Moraes e Barros (1836-1902) era irmão mais velho do presidente Prudente de Moraes, deputado federal desde 1891, e senador por São Paulo de 1895 a 1902. Machado se refere a um discurso em que atacou a excessiva concessão de pensões, dada a situação econômica do país. Uma reportagem vem no *Jornal do Commercio*, 28 de outubro, p. 1, cols. 2-3: “Ainda há poucos dias, em seguida a um discurso do Sr. Moraes e Barros, invocando o patriotismo de seus colegas e exortando-os a lembrarem-se da cifra de um milhão e oitocentos mil contos de réis de nossa dívida pública quando tivessem de votar pensões, o Senado concedeu nada menos de três importando em alguns contos de réis, e depois dessas já fez outra concessão idêntica.”

A comissão, – ou o relator, se é certo que o parecer é apenas um projeto, segundo li, mas já me disseram que afinal fica sendo o parecer de todos, – a comissão diz muita coisa sobre dívidas, despesas, juros, depósitos, emissões, amortizações, e outros atos e fenômenos, mas tudo tão compacto, que não me atrevo a entrar por eles. Os algarismos mal dão passagem aos olhos; é um mato cerrado, alguns com espinhos agudíssimos, outros tão folhudos que cegam inteiramente. Com dez sinais árabes, é incrível o que se pode variar na despesa e na correspondente escrituração. O parecer tem a vantagem de já trazer tudo somado, de maneira que não há necessidade de andar procurando a quanto sobem quatro parcelas de quinhentos; ele mesmo conclui que são dois mil. Se a conta não é redonda, o serviço torna-se inestimável. Vai um homem somar as seis grandes porções da dívida, há de acabar cansado, aborrecido e incerto; mas o parecer, somando tudo, dá este total, que é o mesmo recomendado pelo Sr. senador Moraes e Barros à memória dos seus concidadãos: 1.888.475:667\$000.

Melhor é desviar os olhos, descansar a cabeça e ir a outra parte. Não digo que nos falte confiança; é necessário tê-la, e basta aplicar a nós o lema italiano: *Brasilia farà da sè*.⁵ Confiança e circunspeção.⁶ Mas o pior é que tudo o que ora me cerca, são algarismos, e os mais deles grandes. Vede este quadro de títulos e ações, organizado pelo *Jornal do Commercio* e publicado hoje, dia de finados:⁷ é uma vertigem de capitais, de emissões,⁸ de valores nominais e efetivos. Pegue deste banco: 10.000:000\$000 de capital. Cada ação? 200\$000. Entrada? 150\$000. Última venda? 600rs.; ou, por extenso, para evitar erros, seiscentos réis, menos de duas patacas, quando havia árvore das patacas.⁹ A partida é sempre numerosa, como sucede às tropas que marcham para a guerra; são dez mil, vinte, trinta, cem mil. A volta é diminuída; faz lembrar o final de uma das *óperas do judeu*:

⁵A frase original em italiano é “Italia farà da sè” (“A Itália fará por si mesma”, sem ajuda): é um lugar comum da época, citada mais de uma vez por Machado. São palavras de Carlos Alberto, rei do Piemonte, em 1848, nos primórdios do Risorgimento; disse que a Itália conseguiria sua independência sem ajuda estrangeira: o que não aconteceu.

⁶ Assim na *Gazeta*. Aurélio tem “circunspeção”.

⁷ Esta “vertigem de capitais”, a lista dos capitais, ações, etc. de uma multidão de companhias e bancos, ocupa a p. 6 do *Jornal do Commercio* de sábado, 2 de novembro, dia em que Machado escrevia esta crônica. O banco a que se refere pode ser o Banco V. A. do Brasil de Crédito Real, com algarismos que parecem conferir com os da crônica. Pode ser que tenha atraído a atenção sempre desconfiada do cronista por não dar nenhuma informação nos itens “Fundo de Reserva” e “Dividendo”. A “última venda” será o preço do último lote de ações vendidas, um preço ínfimo. A pataca, moeda antiga, valia 320 réis.

⁸ Assim na *Gazeta*. Aurélio tira a vírgula.

⁹A árvore das patacas, *Dillenia indica*, é uma planta de origem indiana, trazida ao Brasil no tempo de d. João VI. A história acerca dela, que explica a sua fama no Brasil e em Portugal, e a sua associação ao Brasil, é esta: “Conta-se que o imperador Dom Pedro I, por brincadeira, escondia moedas (patacas) nas flores da *Dillenia indica*. Com o tempo as flores se fechavam, mantendo a moeda dentro do fruto. O imperador pegava um desses frutos e o abria diante de todos, dizendo que no Brasil o dinheiro nascia até em árvores.”

Tão alegres que fomos,
Tão tristes que viemos.¹⁰

Sim, é melhor ir a outra parte, repito; mas aonde? Parece que o teatro é um bom lugar de distração; a verdade, porém, é que aí mesmo esperam-me algarismos tremendos. Não me refiro ao orçamento do teatro municipal, que o prefeito acaba de sancionar.¹¹ Não é quantia de escurecer a vista; mas responda o público às boas intenções. Não me refiro ao orçamento; refiro-me ao número de papéis dos atores.

Quando eu ia ao teatro, os atores não representavam mais de um papel em cada peça; às vezes, menos. Caso havia em que os papéis eram dados por metade, um terço, um quinto. Nunca me esqueceu uma atriz (cujo nome perdi de memória) que chegou ao mínimo de uma só frase. Resmungava enfasiadamente as outras; aquela era o cavalo da batalha da noite. Apertada pelo pai, tinha que negar não sei que carta ou que quer que era, denúncia de namoro. Deixava o pai de lado, vinha à frente, fitava a plateia, esticava o braço, levantava o dedo, e bradava, sublinhando: “Eu, papai, nunca tive um namorado só na minha vida!” Compreende-se a intenção da moça, contrária à do autor, mas muito mais acertada, porque a plateia ria a bandeiras despregadas. O contrário da *Dalila*.¹² Ria o público, os bancos riam, as arandelas riam, só eu não ria, por haver já desaprendido de rir.

Aqui temos agora uma peça em que a atriz Palmira,¹³ que nunca vi nem ouvi, representa não menos de vinte e quatro papéis. Entre a simples frase da outra e estes vinte e quatro papéis, há um abismo e um mundo. É o menos que posso dizer: mil

¹⁰ Palavras da ópera *Vida do grande D. Quixote de la Mancha e do gordo Sancho Pança*, ato II, cena VIII, de Antônio José da Silva (1705-1739), “o judeu”. No original “tão tristes que tornamos”. Palavras já citadas na crônica de 10 de maio de 1885, de “Balas de estalo”.

¹¹ Em 1894, já Artur Azevedo propôs a construção de um teatro municipal, a ser pago por contribuições públicas. É esta a lei que acabou de ser aprovada. Entretanto, apesar de ter sido cobrada uma taxa para as obras, a construção só começou em 1905, sendo concluída em 1909.

¹² Peça de Octave Feuillet (1821-1890), de 1857. Machado a resenhou longamente, resumindo o enredo melodramático, em 13 de abril de 1860, no *Diário do Rio de Janeiro*. Esta crítica está reproduzida em *Machado de Assis: do teatro – textos críticos e escritos diversos* (org. João Roberto Faria), p. 229-233. Ao longo dos anos, Machado se referiu à peça ao menos quatro vezes nas crônicas, em 1864, 1885, 1889, e agora em 1895. O poema “Prelúdio”, que abria *Falenas*, na primeira edição, tem seu argumento baseado na peça – à qual o poeta faz também uma alusão em “Pálida Elvira”, no mesmo livro. Não são só recordações pessoais. As peças de Feuillet, embora “passadas de moda”, ainda voltavam à cena – sobretudo as duas mais populares, *Romance de um moço pobre* e *Dalila* – esta última reapareceu no teatro Variedades, vendida como “assombrosa novidade”, em abril de 1896 (ver, por exemplo, *Gazeta de Notícias*, 17 de abril de 1896, p. 6, cols. 2-3). As duas peças foram até filmadas no séc. XX.

¹³ Palmira Bastos (1875-1967), atriz portuguesa de muita fama e sucesso, estava ainda em começo de carreira (estreada com 15 anos). Naquele momento, entre outras peças, ela aparecia na “querida e sempre desejada” revista *Tim tim fim de século*, no teatro Recreio Dramático. Nos anúncios (ver, por exemplo, o *Jornal do Commercio* de 20 de novembro, p. 10, cols. 5-6), destaca-se que ela desempenhará 24 papéis. Eram comuns na época as peças com uma infinidade de personagens, especialmente as “revistas de ano” – o que obrigava um mesmo ator a atuar em diversos papéis. Nas revistas de Artur Azevedo, a lista delas (das personagens) ocupava diversas páginas.

abismos, mil mundos não são demais. Fregoli¹⁴ revelou-nos o modo de ver uma infinidade de pessoas, em cinco minutos, pessoas e vozes, que as tinha todas. Palmira, sem as vozes, dará os papéis, mas não ficaremos aqui. Outros artistas virão, com o duplo e o triplo dos papéis, e o quántuplo dos aplausos. Não se conclua que execramos as individualidades únicas, nem que amamos os que são propriamente multicores. É ser temerário; concluamos antes, que a variedade deleita.



¹⁴ Leopoldo Fregoli (1867-1936): ator italiano, famosíssimo por seu virtuosismo, que consistia em interpretar numerosos papéis numa só peça. Estava ainda no começo da carreira quando fez uma visita ao Rio de Janeiro em 1895, com a companhia de zarzuelas Valentim Garrido. Assim se anuncia a sua fama em 25 de março de 1895 na *Gazeta* (p. 2, col. 6): “Fregoli está atualmente em Madrid representando com extraordinário êxito a comédia *El camaleonte* em que representa com raro talento os papéis do marido enganado, da esposa infiel, do amante e do criado, personagens que figuram na comédia.” Fez enorme sucesso. Estreou no teatro Lírico no dia 18 de setembro, partindo para Lisboa no dia 9 de outubro.